

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Usu Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira. Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

CIDADE DOS DIÁRIOS

“Cidade dos Diários” estreou no Porto a 13 de Maio de 2005 no Balleatro Auditório. O espectáculo, uma co-produção da companhia teatral Visões Úteis com o Teatro Nacional São João contou com a seguinte ficha artística:

dramaturgia e direcção

Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

colaboração na criação dramática e monólogos do Chefe
Nuno Casimiro

banda sonora original, sonoplastia e desenho de som
João Martins

cenografia e figurinos
Ana Luena

desenho de luz e vídeo
José Carlos Coelho

infografismo e webdesign
Entropia

elenco

Ana Azevedo (Bia)

Ana Vitorino (Sara)

Carlos Costa (Mário Alberto)

Catarina Martins (Luz)

Pedro Carreira (Luís Neves)

e

Miguel Peixoto (Segurança)

Pedro Peixoto (Segurança)

Jorge Mota (Professor – *voz-off*)

Jorge Paupério (Chefe – *voz-off*)

Visões Úteis

Cidade dos Diários

de Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

PREFÁCIO

Espaço

Um interface de transportes. De um lado o balcão dos “Perdidos e Achados”. Do outro uma peça de mobiliário urbano com um ecrã de vídeo. Em frente, uma pequena esplanada. Em volta, três saídas: uma para a gare, outra para a rua e outra para a cafetaria.

Personagens

Bia, empregada dos “Perdidos e Achados”
Luís Neves, controlador aéreo
Luz, investigadora de seguros
Mário Alberto, apresentador de meteorologia
Sara, estrangeira

Dois seguranças

Chefe (voz off)

PRÓLOGO

No chão está o cadáver de uma mulher jovem. A sua mão segura ainda um iogurte que se entornou.

Chefe (*off*) - A probabilidade de acertar nos seis números do totoloto é de 1 para 13.983.816, isto é, aproximadamente 0,0000072%. Apesar disso, quando consideramos uma série de resultados, colecionando os números que saem semana após semana, durante uns três meses, verificamos que há discrepâncias abissais: enquanto alguns números aparecem quase um quarto das vezes, outros não chegam a aparecer em nenhuma das chaves sorteadas. Aparentemente, bastava apostar nos números mais saídos das últimas semanas para garantir o grande prémio.

No entanto, quando alargamos a série de observações para uns dez anos, isto é, cerca de 500 semanas, as diferenças esbatem-se. Verificamos que quase todos os números saíram mais ou menos o mesmo número de vezes. E apesar dos milhões de apostas semanais são relativamente frequentes os jackpots, as semanas seguidas sem sortudos. É isto o acaso. E é admirável.

Entram duas silhuetas. Uma tapa o corpo com um lençol. Outra coloca uma vedação à volta do corpo. Levam o corpo numa maca deixando o iogurte entornado.

Chefe (*off*) - No fundo, tudo se resume a um corpo harmonioso, e rico em detalhes e variações, em ciclos e contra-ciclos. Na realidade, tudo se insere numa estrutura demasiado complexa para ser compreendida por completo mas que, ainda assim, oferece alguns flancos ao estudo... Globalmente, podemos sempre aferir contornos, desenhar silhuetas mais ou menos precisas mas é nos pormenores que tudo se joga.

Luz!?

Luz ouve num gravador portátil a gravação das declarações de Luís Neves. Sara ouve num gravador portátil aulas de Português.

Luís Neves (*voz na gravação*) – “O meu colega de turno tinha acabado de sair e eu estava a dar instruções a um avião americano. 43 segundos antes do impacto reparei que havia um aviso de colisão iminente entre um avião russo de passageiros e um avião inglês de carga. Dei ordens ao avião russo para descer. Entretanto não ouvi o piloto do avião inglês dizer que também ele ia descer seguindo as indicações dos seus instrumentos de bordo... Quando me apercebi da situação já era tarde demais.”

Professor (*voz na gravação*) - O português é difícil. Como é o português?

Sara - O português é difícil.

Professor (*voz na gravação*) - A rua é curta. Como é a rua?

Sara - A rua é curta.

Professor (*voz na gravação*) - A vida é curiosa. Como é a vida?

Sara - A vida é curiosa. A vida é difícil. A vida é curta.

Luís Neves (*voz na gravação*) – “O meu colega de turno tinha acabado de sair para a sua pausa e eu estava a dar instruções a um avião americano que estava atrasado em relação ao horário previsto. Só 43 segundos antes do impacto é que reparei que havia um aviso de colisão iminente entre um avião russo de passageiros e um avião inglês de carga. Deslizei rapidamente para a outra consola e dei ordens ao avião russo para descer. Entretanto não ouvi que na minha consola o piloto do avião inglês dizia que também ele ia descer seguindo as indicações dos seus instrumentos de bordo... Quando fui para a consola onde estava o avião inglês já era tarde demais e a tragédia aconteceu.”

Professor (*voz na gravação*) - De que precisa? De que necessita? Não preciso de mais nada. Tenho tudo o que preciso. Gostava de dormir em paz. Sinto-me bem. Não me sinto bem. Sento-me perto da janela.

Sara repete a cada frase.

Luís Neves (*voz na gravação*) – “O meu colega de turno tinha acabado de sair para a sua pausa. Uma pausa regulamentar. Eu fiquei completamente sozinho na torre de controle. Tinha que prestar atenção à minha consola e à dele. Eu estava a dar instruções a um avião americano que estava muito atrasado em relação ao horário previsto. Para deslizar entre as duas consolas eu usava uma cadeira com rodinhas. Só 43 segundos antes do impacto é que reparei que havia um aviso de colisão iminente entre um avião russo de

passageiros e um avião inglês de carga. O sistema estava em manutenção e não havia avisos sonoros. Deslizei rapidamente para a outra consola, que ficava do lado oposto da sala, e dei ordens ao avião russo para descer. Entretanto não ouvi que na minha consola o piloto do avião inglês dizia que também ele ia descer seguindo as indicações dos seus instrumentos de bordo... Mas isso eu não podia saber... Quando deslizei para a consola onde estava o avião inglês já era tarde demais e a tragédia aconteceu. Durante dez segundos, ainda ouvi os gritos que vinham da cabina do avião russo...”

Professor (*voz na gravação*) - Ele pisou-me no pé; mas não foi de propósito; foi sem querer. Eu soltei uma praga; mas não gritei, murmurei. As grandes dores são mudas.

Sara repete. Desliga o seu gravador e sai. Luís Neves aproxima-se de Luz. Luz levanta-se e oferece-lhe uma cadeira. Luís Neves senta-se. Pousa a sua mochila.

Luz – Quer uma pastilha?

Luís Neves – Não obrigado.

Luz – É um hábito nojento. Mas estou a tentar deixar de fumar...

Luís Neves – Sente-se.

Luz – Estou bem de pé.

Luís Neves (*levantando-se*) – Então levanto-me eu.

Luz (*sentando-se*) – Pronto, eu sento-me.

Luís Neves volta a sentar-se. Coça-se.

Luz – A fase da recolha de informações acabou. Agora estamos na fase de elaboração de conclusões.

Luís Neves – Já sabem? Quantas pessoas morreram, já têm a certeza?

Luz – 97.

Luís Neves – É definitivo? Quero dizer, houve pessoas das quais não ficou nada...

Luz – Como sabe, isso não é do meu departamento.

Luís Neves – Como é que sabem que elas estavam no avião? Como é que sabem que embarcaram?

Luz – De qualquer forma, no final desta semana sairá a conclusão do inquérito relativo à sua inocência... ou culpabilidade.

Luís Neves – Já disse tudo tantas vezes. Digo sempre a mesma coisa. Estou farto de repetir esta história!

Luz – Deixe-me dar-lhe um conselho: não fale mais à imprensa.

Luís Neves – Engraçado, está aqui uma unha...

Luz – Não faça nenhuma declaração pública que ponha em risco o inquérito.

Luís Neves – Eu sei que na opinião pública já estou queimado.

Luz - É muita gente a sofrer e a ver a sua cara em todo o lado.

Luís Neves – Eles têm de ver uma cara.

Luz – Mas pode ser perigoso.

Luís Neves – Sabia que é possível identificar uma pessoa pela unha?

Luz – Estamos a falar de várias centenas de pessoas...

Luís Neves – Não eram 97!??

Luz – Vítimas. Famílias são muito mais. Como sabe, todas as pessoas têm várias famílias. Materna, paterna...

Luís Neves – Caralho... (*Coça os braços.*)

Luz – Ainda por cima, quase tudo crianças...

Luís Neves – Para mim não são crianças. São lugares. Na consola não vejo pessoas!

Luz – É meu dever alertá-lo para a confusão que pode surgir no dia da divulgação do resultado.

Luís Neves – Como é que vocês põem um preço nas pessoas nestas situações? Por exemplo, morre uma mãe com duas crianças. Quem vale mais?

Luz – O melhor é não dar mais entrevistas.

Luís Neves - As crianças são mais novas mas a mãe ainda pode vir a ter mais filhos...

Luz – Tem como ocupar o seu tempo? Tem uma vida activa? Integrada?

Luís Neves – Integrada!?

Luz – É importante nestas situações a pessoa manter-se activa. Não pensar muito.

Luís Neves levanta-se, coloca a mochila ao ombro.

Luz - Vai passear?

Luís Neves – Passear?

Luz – A mochila...

Luís Neves – Você está a cansar-me.

Luz – Peço desculpa.

PARTE I

No interface.

Luís Neves consulta os horários no ecrã de vídeo. Entra um segurança. Retira a vedação e a embalagem de iogurte. O segurança sai. Entra Mário Alberto vindo da rua e pára a consultar os horários. Luís Neves sai para a cafetaria. Entra Bia vinda da rua. Repara na mancha. Mário Alberto sai para a gare. Bia dirige-se ao balcão e começa a vestir a sua roupa de trabalho. Luís Neves entra com uma garrafa de água e um jornal. Consulta os horários. Senta-se na esplanada a ler o jornal. Entra um segurança com um carrinho de limpeza. Começa a limpar os restos de iogurte.

Bia (*para o segurança*) - Hoje vim mais cedo. Um bocado mais cedo. Uma hora mais cedo.

Nunca mais venho uma hora mais cedo. Uma vez cheguei 45 minutos mais cedo, mas já cá estava mais gente.

Sabes aqueles dias em que corre tudo mal? As torradas queimadas, o leite que vem por fora, o despertador que não funciona? Hoje correu tudo bem. Melhor do que o costume. Eu à noite deixo sempre a roupa prontinha para vestir no dia seguinte, mas depois de manhã vou à janela ver o tempo e tenho de mudar alguma coisa. Hoje nada. Nem um casaquinho. Poupei 10 minutos aí.

Depois em vez de ferver o leite comi um iogurte porque já ia passar do prazo. Mais 10 minutos aí. Essas pequenas coisas. Quando dei por ela já estava 20 minutos adiantada. Mas resolvi sair de casa e fazer uma coisa radical: ir tomar café.

Os senhores de manhã fazem tudo muito rápido. Nem 5 minutos demorei. E depois todos os dias penso que vai chover e complicar o trânsito, mas nunca mais chove... são mais 15 minutos que poupo.

Prometo que nunca mais chego mais cedo.

45 minutos no máximo. Uma hora nem pensar. Meia hora é o ideal.

Está calor.

O café deixa-te nervoso? Assim, com formigueiro na ponta dos dedos? Não?... E com uma bolha no estômago?

Se calhar não devia ter bebido café porque comi iogurte. Se tivesse sido leite ficava café com leite, mas assim...

Tu chegas com quanto tempo de antecedência? Muito? Pouco? Chegas sempre em cima da hora, não é? Eu vejo. Eu não sou capaz.

O segurança termina a limpeza e coloca um sinal de pavimento escorregadio. Sai levando o carrinho.

Bia - O meu pai dizia-me: “Se queres chegar a um sítio a horas chega 15 minutos mais cedo”. Então eu penso que entro 15 minutos mais cedo e estou cá 15 minutos antes. Dá meia hora.

Entra Mário Alberto vindo da gare. No écran vê-se o boletim meteorológico que ele apresenta. Mário Alberto pára e olha por momentos para a sua própria imagem. Sai para a rua.

Luís Neves (*lendo alto e falando sozinho*) - “Instituto Nacional de Medicina Legal, serviço de tanatologia forense... indivíduo desconhecido do sexo masculino... indivíduo desconhecido do sexo feminino... Joaquim Nuno Alves dos Santos...” – tantos! – “indivíduo desconhecido do sexo masculino... Amélia...” – só assim Amélia? “No necrotério do Instituto Nacional de Medicina Legal encontra-se o cadáver de Amélia, filiação ignorada, estado civil ignorado, naturalidade ignorada, residência ignorada” – não têm lá muitas certezas – “altura 1,62m, peso 57 Kg, cabelos castanhos, íris de cor castanha e idade aparente 25/35 anos, sem sinais particulares.” – sem sinais particulares, assim é difícil, podia ser qualquer pessoa.

“Este cadáver foi encontrado”... não, não pode estar certo. Encontrada aqui?! Aqui onde? Aqui diz que foi aqui. Aqui não foi. Aqui especificamente não pode ter sido. Aqui é muito vago. Isto é muito grande... Amélia, íris de cor castanha - “deu entrada nesta delegação” – já passou muito tempo, não apareceu ninguém?

Entra um segurança e entrega um molho de chaves a Bia.

Luís Neves - “Solicita-se qualquer informação que possa levar à sua identificação.”

Bia (*para o segurança*) - Ai não acredito! Deixa ver...

Luís Neves - 1,62m, 57 Kg, íris de cor castanha. Uma mulher perfeitamente normal.
(desenha-a no ar)

Bia (*segurando as chaves*) - Chave da porta da rua, chave da porta de casa, chave do correio... Não tem chave da garagem.

Luís Neves - 25/35 anos. Podia ser qualquer coisa.

Bia - É um apartamento. Têm sempre no mínimo 3 chaves.

Luís Neves - Passa facilmente despercebida. Eu já me devo ter cruzado com ela. Uma coisa é certa: não volto a cruzar-me com ela.

Bia - Como é que alguém perde as chaves de casa? É uma irresponsabilidade. É como sair descalça. É como os sonhos em que se está nu na rua e está toda a gente a olhar para nós. A minha mãe só me deu a chave de casa aos 15 anos. “Minha filha, não vais para a rua em pijama também não saís sem chave”.

Luís Neves - Amélia, nem gorda nem magra, nem alta nem baixa... Nunca ninguém reparou nela, nunca ninguém reparou como? Então, não ias às compras? Ao centro de saúde? Nunca estiveste constipada?

Bia - A quantidade de chaves que esta gente perde... eu ando sempre com o porta-chaves no saco. E em casa, acabo por fechar sempre a porta à chave. Assim, quando for a sair, como a porta está mesmo fechada, não me esqueço de confirmar se estão no saco e se as levo comigo.

Luís Neves - Amélia, íris de cor castanha. Porque é que não põem a fotografia? Era mais fácil. Até podia estar a ler o jornal e “Olha, a Amélia!”

Luís Neves sai para a rua.

Bia - O que me intriga é o que se faz quando se perde a chave de casa. Se estiver alguém em casa, é fácil mas se a pessoa estiver sozinha e mais ninguém tiver uma cópia, deve ser tramado. E daí não, ninguém vem reclamar as chaves. E se não as reclamam ao fim de um mês, vão para um daqueles tabuleiros de metal. Já ali tenho três cheios e mais um a caminho.

Luz entra vinda da cafetaria com um café e um molho grande de jornais. Consulta os horários. O segurança sai para a rua. Mário Alberto entra vindo da rua e consulta os horários.

Luz (*para ele*) – Está tudo atrasado!

Mário Alberto repara nela e volta a olhar para os horários.

Mário Alberto – Eu não percebo isto! O dos 36 chega sempre aos 47. Sempre! Porque é que não dizem logo que é o dos 47?

Luz – É a vida. É difícil fazer previsões, não é?

Mário Alberto fica subitamente tenso e tenta desviar a cara.

Luz – Ainda assim vamos tentando acertar... fazendo os nossos cálculos...

Mário Alberto fica ainda mais tenso.

Luz – Mas é difícil... são muitos factores, não é? Quem tem como profissão prever, tem como risco errar.

Mário Alberto (*irritado*) – Eu não prevejo nada, eu só apresento.

Luz - Desculpe?

Mário Alberto - Acho que vou repetir isto a vida toda...

Luz (*olha melhor para a cara dele e começa a rir*) - Ah! O senhor é da televisão!

Mário Alberto (*entredentes*) – Somos todos...

Luz – É o senhor do tempo! Engraçado... (*inspecciona-o*) parece mais... deve ser das câmaras. Como é que vocês prevêem?

Mário Alberto – Eu não prevejo nada, só apresento! Recebo os dados, escrevo o texto e apresento. Mais nada!

Luz (*condescendente*) – Está chateado com a história da chuva. Cai mal, não é? Todas as noites dizer “Amanhã vai chover” e todas as manhãs acordar com um Sol radioso!

Mário Alberto – A informação vem de fora. Eu só lhe dou a forma!

Luz – Você acaba por ser a cara do falhanço. Engraçado, não é?

Mário Alberto (*confuso*) – Você trabalha aqui?

Luz – Não, estou a fazer um trabalho.

Mário Alberto – Então trabalha aqui.

Luz – Não, estou a fazer um trabalho.

Mário Alberto desiste e começa a dirigir-se para a gare.

Luz (*alto*) – Ó, senhor do tempo!

Mário Alberto pára, olha para ela.

Luz (*sorri*) – Deve ser chato, não é? As pessoas estarem sempre a dizer-lhe “Ó, senhor do tempo!”.

Mário Alberto (*tentando despachá-la*) – Vai ver que ainda chove!

Luz – Quando?

Mário Alberto (*confuso*) – Quando? (*pensa*) Mais para a frente...

Mário Alberto sai para a gare e Luz sai para a rua.

Chefe (*off*) - Podemos considerar que há acontecimentos pré-destinados, chamar-lhes acaso ou destino, mas estamos sempre a incorrer em incertezas, quando não em erros grosseiros. A razão é simples: uma análise livre das aparências só é possível a partir do exterior. Ora, isso implica um distanciamento que não é humanamente razoável. Assim sendo, resta-nos tentar perceber como se desenvolvem os acontecimentos, com que probabilidades, quais os factores desencadeantes, e, depois de acontecerem, quais as consequências, quanto e a quem se deve pagar. Porque é sempre preciso pagar. Falo de acontecimentos menos correntes, inesperados, que constituem desvios a uma qualquer regularidade. Podemos chamar-lhe rupturas, cisões, marcos ou outra coisa qualquer, mas sempre tendo o tempo como referência. E aqui reside um problema...

O tempo só é percebido pela forma como é vivido e essa é uma realidade incomensurável, com espaços de suspensão, com manchas gordas e traços quase invisíveis. Mil anos têm significados distintos para a deriva dos continentes e para a Humanidade. Dez segundos de um sismo são diferentes de dez segundos em água morna e não é possível, em rigor, determinar quanto tempo dura um beijo ou a explosão de uma mina. O tempo pode ser etiquetado mas nunca medido.

Durante o discurso do Chefe, Bia percebe que está sozinha. Tem medo. Tenta assobiar. Foge para a gare. Sara entra no terminal vazio vinda da gare. Senta-se na esplanada e coloca uns auscultadores. Entra Bia vinda da gare com um segurança.

Bia - Mais de 15 minutos que eu estive aqui sozinha. Mais tempo que ontem. Começa a tornar-se impossível, não é? É perigoso. Aqui sozinha. Isto está muito isolado. O.K. Eu tenho uma câmara. Mas não está direccionada só para aqui. Sabes quanto tempo ela demora a dar a volta? 5 minutos.

Entra Luís Neves vindo da rua e consulta os horários. Sai para a cafetaria.

Bia– Em 5 minutos passa-se muita coisa. Agora não se passa nada. Mas nos 5 minutos que a câmara demora a voltar ao mesmo sítio, a este sítio... *(ela grita)* SOCORRO!
(pausa. Ela grita) SOCORRO! *(pausa)* Portanto, nada. Isto é perigoso e psicologicamente está a dar cabo de mim. Este balcão está mal situado. E ainda por cima está mal feito. Não se percebe bem se está aberto, se está fechado. Eu tenho que estar sempre muito atenta. Se volto as costas 5 minutos é o suficiente para a pessoa perder... perder-me a mim. Se eu por exemplo me baixar para apanhar qualquer coisa... *(baixa-se)*

Bia desaparece atrás do balcão. O segurança sai. Mário Alberto entra vindo da gare. Tenta entregar um livro no balcão mas não vê ninguém. Luís Neves entra vindo da cafetaria e senta-se na esplanada. Mário Alberto pousa o livro no balcão e prepara-se para sair.

Luís Neves – Esqueceu-se do seu livro.

Mário Alberto – Não é meu, encontrei-o agora mesmo. Queria devolvê-lo mas não está cá ninguém...

Luís Neves – E vai deixá-lo aí?

Mário Alberto – Sim...

Luís Neves – Vai abandoná-lo?

Mário Alberto – Não...

Luís Neves - Se o deixar aí está a abandoná-lo.

Mário Alberto - ...não é meu...

Luís Neves – Ou o mais certo é ir para o lixo.

Entra um segurança. Traz um saco de plástico com um peixinho morto.

Mário Alberto (*volta a pegar no livro estende-o a Luís Neves*) – Quer ficar com ele, é?

Luís Neves – A sua cara não me é estranha...

Mário Alberto sai para a rua levando o livro. Bia reaparece atrás do balcão.

Bia (*para o segurança*) - ... é o suficiente para alguém passar e pensar que não está cá ninguém.

O segurança entrega o saco a Bia.

Bia (chocada) – Ai, que nojo, coitadinho! Deve estar meio cozido pelo Sol. Coitadinho! Carambas, pá! Isto nem sequer devia ter vindo aqui parar... está morto... (*aponta para o balcão*) “Perdidos e Achados”, não é? Está morto!

O segurança sai.

Luís Neves (*falando para alguém na esplanada*) – Ainda no outro dia morreu aqui uma rapariga... uma mulher. Chamava-se Amélia... é engraçado como fixamos um nome... “Amélia”.

Passava sempre aqui... às oito e depois às seis. Uma pessoa podia afinar o relógio por ela. Às oito e às seis. Lá ia ela... umas vezes de saia, outras vezes de calças... Era uma pessoa normalíssima; a única coisa que tinha de especial era que eu reparava nela. Ultimamente andava constipada. Mas não foi disso que morreu. Era muito feminina, ela. (*corrige*) Era uma mulher... Mas não basta ser mulher para ser feminina. E ela era muito... muito mulher! Tinha sempre uma palavra amiga. (*corrige*) Amiga... simpática. Se pisasse alguém pedia-lhe desculpa. Era simpática. Era uma pessoa normal. Se calhar é o melhor que se pode dizer de uma pessoa. Passava aqui... como tanta gente. Se calhar é por isso que não me lembro dela. Amélia... íris castanha-

Entra Luz, vinda da cafetaria. Traz jornais e café. Consulta os horários. Luís Neves vai ter com ela.

Luís Neves – Era no final da semana...

Luz (*espantada*) – É no final da semana.

Luís Neves (*aliviado*) – É no final da semana!

Luz – Sim, no final da semana está tudo resolvido.

Luís Neves – Por momentos pensei... vi-a aqui e pensei... que soubesse alguma coisa...

Luz – Não. Tenha calma.

Luís Neves - Estou ansioso por voltar ao trabalho. 477 dias. Agora é que a coisa vai ficar mesmo sanada.

Luz – Sabe que até ser reintegrado ainda vai demorar algum tempo...

Luís Neves – Claro!

Luz – Tem de deixar os antidepressivos...

Luís Neves – Não se volta assim, de um dia para o outro!

Entra Mário Alberto vindo da rua. Traz consigo o livro que tinha tentado devolver.

Consulta os horários. Folheia o livro.

Luz – Evite expor-se demasiado nesta fase.

Luís Neves – Sim, não falo com ninguém. Não quero dizer absolutamente mais nada.

Luz – Pode haver alguma confusão no dia em que sair o resultado. Mas se, por exemplo, houver um grande atentado no Médio Oriente nesse dia, está safo. Não esteja preocupado.

Luís Neves – Preocupado? Não, bolas, que ideia! É a ansiedade... a ansiedade faz-nos pensar, pensar, pensar, pensar, pensar, pensar...

Luz – Isso a mim parece-me mais ruminar...

Luís Neves – É como quando se diz uma palavra muitas vezes, percebe, por exemplo, ladrilho... ladrilho, ladrilho, ladrilho, ladrilho, ladrilho...

Mário Alberto (*lendo uma dedicatória no livro*) – “Deixa a vida impregnar-se de palavras, deixa as palavras seguirem a vida.”

Luís Neves - ...ladrilho, ladrilho... até ficar sem sentido, começamos a duvidar que a palavra exista. Com esta história é a mesma coisa. As conversas daquele dia, por exemplo, às vezes parece que não têm sentido... E é uma confusão de línguas... nessas alturas falam-se muitas línguas...

Luz – Não são só duas?

Luís Neves – Sim, de facto são só duas... no fundo é só uma, é só linguagem técnica...

Mas está tudo sempre a mudar! Quero dizer, as rotas... passam a vida a mudar... os protocolos... as sinaléticas, as cores, as consolas... Eu sei que estou inocente! Nem é

inocência, é... ausência de culpa, não é? Só que às vezes duvido... começo a duvidar... do que vi...

Sara (*repetindo o que ouve nos auscultadores*) - Fala português?

Luz – Tente distrair-se.

Luís Neves – É como se tivesse duas vidas. Uma antes daquele dia e outra depois. Não me lembro do que fazia antes. Quero dizer, lembro-me! Mas parece que não faz sentido...

Mário Alberto (*lendo*) - “Ieri sera è succeduta una orribile disgrazia in paese che a spaventato e impressionato tutti gli abitanti delle due contrade di Piano e Castello.”

Luz – Arranje um hobby. Vá correr. Não fazia exercício antes?

Luís Neves – Não me lembro...

Bia - O que é que eu faço com isto agora?

Luís Neves - Se calhar apanhei um vírus qualquer. Não ando a dormir nada, dói-me a cabeça, às vezes parece que as ideias se entaramelam... De repente, dois e dois igual a quatro já não é uma coisa assim tão segura...

Luz – É capaz de ser do tempo, também...

Luís Neves – É isso... o tempo está... seco! Um pó que anda no ar...

Luz – Electricidade estática.

Luís Neves – ...dá-me uma comichão...

Luz - O tempo seco tem uma grande influência em nós.

Bia – Isto é... quer dizer... Isto está morto . Mas o que é que as pessoas julgam? Não dá para guardar. Não se pode fazer nada com isto. Querem o quê? Que deite fora? Está morto! Deito pela sanita? Também ninguém vem aqui pedir um peixe morto. Ou será que vêm? Carambas!

Sara (*repetindo*) - Sim, falo-o um pouco. Começo a estudar português. É difícil? É fácil de ler, mas é difícil de falar. Compreende-me? Não compreendo tudo; o senhor fala muito depressa. Perdão! Agora vou falar devagar. Porque está tão alegre hoje? Como sabe que estou alegre? Porque você tem cantado toda a manhã, e isso não é seu costume. É verdade, mas não tenho causa especial para estar contente. Sinto-me bem, é Domingo e está bom tempo.

Mário Alberto (*lendo*) – “Certo Tanghetti Giuseppe Campanot, partito di casa sua sano e robusto alle ore sette pomeridiane, si portò a Piano col cocchiere del signor inggnere Scott a sbrigare qualche interesse com Galiandi Giuseppe, falegname, il quale aveva demolito la volta di sua cucina per abbassarne il pavimento, e non há badato a mettervi un segnale

in fondo alla scala di accesso oppure alla porta; il Tanghetti salì le scale al buio, varcò la porta e precipitò nel vuoto rimanendo all'istante cadavere”

Falam todos ao mesmo tempo. Subitamente silêncio.

Chefe (*off*) - Está provado que qualquer sistema isolado - como o Universo, por exemplo - tende, de forma irreversível, para a desordem. É assim natural a predisposição de um copo para se quebrar em mil bocados ou de um corpo para envelhecer.

Podemos sempre colar os pedaços de vidro e devolver-lhe uma forma próxima do original, ou então esticar a pele e espalhar cremes anti-rugas. Em todo o caso, estaremos apenas a maquilhar transformações irreversíveis. Nada mais.

Não quero com isto dizer que são inúteis as tentativas de contornar a inevitabilidade.

Quero apenas realçar que o adiamento da decadência é apenas isso, um adiamento. De tal forma que, mesmo quando o grande truque para fugir à vaga parece que vai funcionar, o deslumbramento ou a inocência acabam por reconduzir as coisas, lançá-las de novo na trajectória inicial, mas um pouco mais adiante. Como no voo de Ícaro

Mais uma vez, tudo se joga nos detalhes, nos pontos de charneira. Por isso o interesse nas singularidades, a necessidade de apurar factos. E, para isso, removemos as aparências superficiais e o ruído para obter matéria depurada. É um exercício de meteorização primeiro e de construção depois. Primeiro, a análise de pedaços de tempo, de fracções de existência, depuradas e sem ruído. Depois, a conjugação dos factores, a comunicação entre as partes que desenham o sistema possível e, sobretudo, provável.

Durante o discurso do Chefe as personagens vão saindo. Bia fica sozinha.

PARTE II

Bia pinta as unhas no balcão. Entra Mário Alberto vindo da rua. Consulta os horários. Entra Luís Neves vindo da rua. Mário Alberto sai para a gare. Luís Neves consulta os horários e sai para a cafetaria. Entra Sara vinda da rua, inspecciona gare e senta-se na esplanada. Coloca os auscultadores. Luís Neves entra vindo da cafetaria com uma água e senta-se na esplanada. Entra Mário Alberto vindo da gare e vê a sua imagem no écran apresentando o boletim meteorológico. Sai para a rua.

Luís Neves (*falando com alguém na esplanada*) – Ainda no outro dia morreu aqui uma rapariga... uma mulher. (*mostra-se abalado*) Peço desculpa. Era a minha namorada. Morreu. Morreu... Foi assim de repente, uma coisa rápida, um aneurisma, um AVC, uma síncope... o coração parou. Parou. Parece impossível, mas... Eu... Ela... Nós... Nós... Despedia-me sempre dela aqui com um beijo. “Ciao” “Ciao” “Até logo” “Até logo” Beijinho. Até que um dia... Despedi-me dela. Tínhamos combinado qualquer coisa para a noite, uma trivialidade qualquer. Beijinho, beijinho. Era a minha namorada. Não vivíamos juntos, mas íamos viver. Amélia, com a sua íris castanha, cabelos castanhos. Eu tenho uma data de coisas dela lá em casa. Tanta coisa. Peluches... ela adorava peluches... e cinema e patinagem. Patinar no gelo. Eu não sei. Farto-me de cair. E ela ria-se. Eu expliquei-lhe que para mim cair era pior. Eu tenho 1,76m, ela tinha 1,62m. Íris castanha. Eu tenho azul. Ela estava mais preparada para a claridade do gelo. E eu tenho muitos ossos. Ela era... não era redondinha, era normal. 57Kg. Perfeitamente normal.

Entra Luz vinda da cafetaria com café e jornais. Consulta os horários.

Luís Neves - Um bocadinho imprevisível... às vezes parecia uma santinha, mas quando se zangava virava tudo do avesso. Era um furacão. E também era muito triste. Por detrás daquela íris castanha havia uma melancolia. Parecia que já sabia que ia morrer nova. Agora é fácil dizer...

Entra Mário Alberto vindo da rua e consulta os horários.

Luís Neves - Com a Amélia corremos o risco de dizer banalidades. Pobre Amélia.

Luz (*para Mário Alberto*) – Bom dia.

Mário Alberto – Bom dia.

Luz (*tirando o pacote de pastilhas*) – Quer uma pastilha? É a última.

Mário (*erguendo a mão onde tem o livro*) – Não obrigado.

Luz (*tirando a pastilha*) – É mesmo a última... (*mete-a na boca*) Gosto de pessoas como o senhor. Conhecem o mundo. Sabem o tempo que faz na Europa toda. Falam línguas. Eu gosto muito de italiano. De ouvir. Ler, nada. (*aponta o livro com a cabeça*) O que é?

Mário Alberto (*confuso*) – É um livro...

Luz – Sim, mas sobre o que é?

Mário Alberto (*folheando*) – Ah... é sobre... sobre uma pessoa que... escreve...

Luz – São os melhores. Mas sobre o que é ela escreve?

Mário Alberto – Não é ela, é ele, um senhor que... para dizer a verdade não compreendo bem. Eu, italiano, arranho, mas este aqui é muito estranho.

Luz – Comprou um livro que não compreende, é engraçado.

Mário Alberto – Não comprei, encontrei. Estava debaixo do banco onde eu me sentei no comboio, no outro dia.

Luz – Tem piada, não tem? E porque é que pegou nele?

Mário Alberto (*confuso*) – É um livro...

Luz – Mas o que é que lhe chamou a atenção? A cor? A capa? Porque é que não o devolveu?

Mário Alberto – Eu tentei, mas não encontrei ninguém...

Luz – Engraçado, a maneira como os objectos se apoderam de nós...

Mário Alberto – Não! Fui eu que me apoderei dele!

Luz – Oh! Encontrou-o, não o conseguiu devolver e agora aqui está você com um livro que não percebe bem nas mãos.

Mário Alberto (*folheando*) – Acho que é uma espécie de diário... está organizado por dias... ou um testamento... mas é estranho... *Belladonna, Lichene, Matricaria Verde, Menta...* Menta! São ervas, nomes de ervas!

Luz – Se calhar ninguém o perdeu, foi abandonado. Para você ainda é um objecto e para outra pessoa já é lixo.

Mário Alberto (*tentando ler*) – É de um homem que deve ser... jardineiro... ou ervanário... qualquer coisa a ver com a Natureza... preços de ervas, compradores, locais de colheita... mas não parece fazer sentido. Pelo menos como testamento...

Luz – É quase como se o livro tivesse uma história própria... É engraçado, não é? Levanta muitas perguntas interessantes. Quem é que lá o deixou? Porque é que o deixou? Será que o perdeu? Será que o abandonou? Que pessoa o encontrou?

Mário Alberto (*lendo*) – Estranho... aqui parece que o autor está mesmo a morrer, mas depois...

Luz – Escreve muito...

Mário Alberto - ... nunca mais morre!

Luz – Estou a ver que começa a fasciná-lo.

Mário Alberto (*fechando o livro*) – Eu não tenho grande tempo para estas coisas. O mais provável é... (*faz um gesto vago e começa a sair*).

Luz –Então e hoje? Vai chover?

Mário Alberto pára, olha de relance para ela e depois segue para a gare. Luz sai para a rua. Luís Neves segue-a com o olhar e sai atrás dela. Sai para a rua. Sara tira os auscultadores, inspecciona a gare e dirige-se para a rua. Bia interpela-a.

Bia – Está atrasado!

Sara pára, alarmada.

Bia – Está muito atrasado, hoje. É das obras.

Sara não parece perceber.

Bia – Já falta pouco. Está atrasado.

Sara - Atrasado?

Bia – Sim, mas eles depois anunciam...

Sara - Quem está atrasado?

Bia – Quem?!? (*percebe que Sara é estrangeira*) Ah... peço desculpa. (*fala um pouco mais alto e devagar*) Estrangeira? Estrangeira?

Sara vai recuando alarmada.

Bia (*aproximando-se dela*) – Precisa de ajuda?

Sara – Não ajuda. Obrigada.

Sara sai para a rua.

Bia – Se precisar...

Mário Alberto entra vindo da gare e vê a sua imagem no ecrã apresentando o boletim meteorológico. Entra um segurança. Traz uma caixa com um “M” gravado. Entrega-a a Bia.

Bia – “M”. É uma caixa de alguém com um nome começado por “M”. Margarida, Madalena, Mafalda, Mariana. “M” de mulher.

O segurança sai. Entra Mário Alberto vindo da rua e consulta os horários.

Bia (*para si*) - Marília, Milú, Mónica , Mimi... Maria!

Mário Alberto folheia o livro. Imita baixinho um piar de pássaro. Sai para a gare. Entra um segurança.

Bia – Parece uma caixa de mulher, não é? “M” de mulher... ou de mãe.

O segurança sai. Mário Alberto entra vindo da gare e vê a sua imagem no ecrã apresentando o boletim meteorológico. Sai para a rua. Entra um segurança.

Bia - Cá para mim é “M” de mãe. Foi prenda do dia da mãe.

O segurança sai. Bia tenta abrir a caixa. Entra Luz vinda da cafetaria com jornais e café e consulta os horários. Entra Luís Neves vindo da rua, vê Luz e foge para a cafetaria. Entra Mário Alberto vindo da rua e consulta os horários.

Luz (*reparando no livro que ele traz na mão*) – Sempre o seduziu...

Mário Alberto – Está aqui tudo! Mas é que está aqui mesmo tudo: o rouxinol, a galinhola, a carriça, o tentilhão-montês, o cruza-bico, o priôlo...

Entra Sara vinda da rua. Inspecciona a gare e senta-se na esplanada.

Luz – Gosta de pássaros?

Mário Alberto– Não é só pássaros... menta, tília, arnica...

Luz – É um livro de cozinha?

Mário Alberto– É todo um modo de vida!

Luz – Ah...

Mário Alberto– É antigo, é de outro tempo... mas este homem... lá no sítio dele... previa tudo. Sabia o que ia acontecer no ano seguinte, na estação seguinte...

Luz – Não me diga...

Mário Alberto- Veja-me isto: “A altura mais indicada para ir à lenha é na Primavera. E mesmo no Verão há sempre dias menos ocupados em que nos podemos dedicar a essa tarefa. A lenha será inestimável no Inverno e aquele que se esqueça disso está condenado a tremer de frio. E claro, se tivermos de comprar lenha, deveremos sempre fazê-lo no Verão porque no Inverno torna-se demasiado cara. 30% mais cara.”

Luz – De facto, aprende-se muito... Para mim a melhor altura para comprar lenha é quando há uma boa promoção no hipermercado mais próximo.

Mário Alberto - E o que vale para a lenha vale também para o milho, para os cabritos, para a cal e para os porcos... “porque se o Inverno é duro para quem se preveniu ao longo do Verão, então é péssimo para quem não teve cabeça.”

Luz – Muito útil... para os Invernos duros.

Mário Alberto – Este homem sabia sempre o tempo que ia fazer... eu sinto alguma empatia com ele... como se de algum modo nós fizéssemos a mesma coisa.

Luz – Você ontem voltou a dizer que ia chover e não choveu... claro que não fez de propósito...

Mário Alberto – Há aqui muitas coisas que ainda me escapam. Eu precisava de ajuda para perceber isto. De um apoio especializado. Se calhar vou tirar uns dias...

Bia consegue abrir a caixa e fica a olhar para o conteúdo.

Luz – E quem é que apresenta o tempo?

Mário Alberto – Gravo antes. É o que eu faço todos os dias: gravo à tarde e só passa à noite. Seria apenas com uma antecedência maior. Posso gravar várias alternativas, duas ou três... isto agora não muda muito.

Luz – Quer uma pastilha?

Bia (*para si*) - É só merdinhas...

Mário Alberto sai para a gare. Bia fica a examinar o conteúdo da caixa. Luís Neves volta da cafetaria e apanha Luz a sair.

Luís Neves – Fui declarado culpado, não foi?

Luz (*espantada*) – Eu-

Luís Neves – Como é que chegámos a isto?? O que é que falhou? Como é que há uma semana atrás vocês diziam que eu não tinha de me preocupar e agora sou culpado? Como é possível? Eu não fiz nada! Como é que é possível chegarem a essa certeza absoluta de que eu sou culpado?

Luz – Eu não-

Luís Neves - Eu sei que errei, mas onde? Eu não sei, eu não me lembro! É certo e sabido que, num momento ou noutro, acabamos por nos sujar. Mais tarde ou mais cedo, um tipo fecha os olhos, demora a reagir, vê a peça cair como se fosse inevitável, como se não estivesse ali e alguém lhe estivesse a contar. Não vale a pena negar. É apenas uma questão de tempo até que a situação surja e um tipo acabe sujo. Nisto não se pode ter ilusões.

Luz - Eu hoje sei exactamente o mesmo sobre o seu processo que sabia no início da semana.

Luís Neves – Ah...

Luz – Não há razão nenhuma para pensar que o rumo do seu processo mudou.

Luís Neves – Não...

Luz – Não pense muito. Tenha confiança. Tente distrair-se. Correr. Tem corrido?

Luís Neves – Corrido? Não...

Luz – Devia! Telefone a um amigo. Faça um piquenique.

Luís Neves - Não tem importância. Eu estou pronto. Agora sinto-me preparado.

Luz – Pastelinhos de bacalhau.

Luís Neves - Para trás está uma névoa imensa mas para a frente vejo tudo com muita clareza. Eu estou preparado.

Luz – Uma cesta com fruta!

Luís Neves - Eu estou preparado. Eu estou preparado para o pior. Quando quiserem eu estou aqui. Podem vir.

Luz – Vá dar uma volta!

Entra um segurança. Luz sai para a rua.

Bia – Sabes do que é que é o “M”? Merdinhas... É uma caixa de merdinhas.

Entra Mário Alberto vindo da gare. O segurança sai. Mário Alberto vê a sua imagem no ecrã apresentando o boletim meteorológico. Sai para a rua. Luís Neves senta-se na esplanada. Subitamente contorce-se como se estivesse com dores.

Luís Neves (*falando com alguém na esplanada*) - Deixe estar. Isto passa. É normal. Uma gastrite. Isto passa. Dois ou três minutos e depois volta outra vez. Depois volta a passar. O médico diz que isto é provocado pelo stresse. Stresse! Se a ex-noiva dele tivesse acabado de morrer eu queria ver se ele também não tinha stresse. Já tínhamos cancelado o casamento duas vezes antes... «Amélia, somos incompatíveis. Não dá.» – dizia eu. «Mas vamos tentar - dizia ela - Posso ser mais carinhosa. Podemos fazer sexo mais vezes.» Mas depois falhava tudo outra vez. E eu disse-lhe: «Agora é para sempre.» Dizia-lhe sempre isso. Vamos ficar juntos para sempre, vamos separar-nos para sempre. E agora foi mesmo para sempre. E não sei se ela chegou a perceber que era um *para sempre* definitivo. Que não era provisório. Começou tudo com uma discussão parva: «A gata está com cio.

Não. O cio dos gatos é em Janeiro.

Não. Está calor. Tem o cio agora.

Oh Amélia eu já tive um gato.

Estás a ser arrogante comigo.

Oh Amélia pelo amor de Deus.

Agora estás a ser condescendente.

Oh caralho.

Estás a ser mal educado. Não digas asneiras.

Eu sinto-me atrofiado.

Ai é?

Preferia estar sozinho na torre de controlo com trinta aviões a aterrar ao mesmo tempo do que estar aqui contigo.

Ai é?

Não vais começar a chorar?

Vou, e depois? Não posso, é?

Podes! E eu posso ir-me embora- Levo os meus CD`s, a minha escova de dentes e o meu Atlas.

Então vai.»

E eu fui.

Mário Alberto entra vindo da rua. Consulta os horários e sai para a gare.

Luís Neves - Quando lá voltei, passados três dias estava uma coroa de flores à porta. Assim sem mais. Como é que se ama uma mulher morta? Porque eu amava-a - Não era AMAR, era amar – éramos muito diferentes. Eu sou uma pessoa simples, prato do dia, vinho da casa, cafézinho. Não há sobremesa. Ela não. Era isto e mais aquilo e mais não sei o quê pelo meio. Muito complicada... ela dizia que a vida era como uma folha em branco: Umás vezes amarrota-se; Outras vezes alisa-se. E depois desatava a rir. E depois...??? O que é que essa merda quer dizer?!

Luís Neves levanta-se.

Luís Neves - Tudo aquilo que tu dizes. Tudo aquilo que tu fazes. Tudo o que fazes aos outros, tudo o que tu dizes sobre os outros: É tudo sobre ti... diria a Amélia se estivesse aqui.

Luís Neves sai para a rua. Mário Alberto entra vindo da gare e vê a sua imagem no ecrã apresentando o boletim meteorológico. Sai para a rua. Sara inspecciona a gare e sai para a rua. Bia começa a entrar em pânico por estar sozinha. Entra um segurança.

Bia – Hoje tomei duas decisões importantes: Não beber café e nunca mais chegar uma hora mais cedo...

O segurança sai.

Bia (*grita para ele*)- Às vezes incomoda-me ficar sozinha. (*como se ele ainda a pudesse ouvir*) Pronto, já disse. Tenho um bocado de medo. Não é medo, medo. É desconforto. É isso. É só imaginar que se me acontece alguma coisa não está cá ninguém. Mesmo que não aconteça nada.

Em casa nunca uso escadotes. Podia cair e ficar para ali sozinha. É um perigo. E no banho tenho sempre um tapete, daqueles na banheira, sabes?

(*para alguém na esplanada*) Não é medo. É precaução. Ter cuidado. Nunca cheguei atrasada, nunca caí de um escadote, nunca escorreguei na banheira. Nunca morri. Uma vez torci um pé, mas mesmo assim cheguei a horas porque já vinha a contar com isso.

Entra um segurança.

Bia (*para o segurança*) - Tens escadote em casa? Sabes que é muito perigoso. No outro dia uma senhora que eu conheço caiu sozinha em casa. É como a banheira. É muito perigosa. Já pensaste tomar duche sentado e não em pé?

O segurança sai. Entra Luz vinda da cafetaria com jornais e café. Consulta os horários.

Bia senta-se na esplanada e lancha. Entra Mário Alberto vindo da rua e consulta os horários. Fica a fazer tempo, absorto no livro. Solta um pio. Luz interpela-o

Luz – Melros?

Mário Alberto – Tentilhões. Este ano não há melros.

Luz – Os pássaros são um bico-de-obra.

Mário Alberto – A quem o diz. É necessário estabelecer contratos com os proprietários dos terrenos de caça, definir prazos, conseguir descontos, obter licenças... mas o pior são as redes. Pode haver uma tempestade e depois o prejuízo é nosso. Isto para não falar dos incêndios. E depois claro, é preciso vender os pássaros, encontrar um comprador, expedir a venda... enfim... E se estiver calor nem se fala...

Luz – E tem estado...

Mário Alberto - A passarada corre o risco de apodrecer nos caixotes...

Luz – É complicado. São muitos factores de risco.

Mário Alberto - Isto não tem nada que saber. Basta compreender que a Primavera se reserva às ervas medicinais: contactos com farmacêuticos, colheita e expedição. E que no Verão se assinam os contratos relativos à passarada, que no Outono tem de estar toda vendida. E se tivermos sido cautelosos poderemos passar o Inverno tranquilamente, à espera da próxima Primavera. Não tem nada que saber.

Luz – Não tem nada que saber.

Mário Alberto – Ele é que devia apresentar o tempo! Ele ia acertar sempre, ia alargar o espectro das previsões; ia falar do que precisamos, do que temos de alcançar, não do que se vai passar. O que é que interessa o que se vai passar? Nós agora dizemos todos os dias “E para amanhã possibilidades de aguaceiros...” porque é isso que as pessoas querem ouvir. Nós sabemos lá! E além disso este homem é a sua própria voz. Eu sou a voz da previsão de outra pessoa. Eu gostava de ser como ele... controlar alguma coisa... Ainda no outro dia estava a gravar e estava naqueles dias em que tudo sai mal; queria apontar para um lado e saía-me o gesto para o outro, dava um passo a mais e saía do enquadramento... quando acabei pedi “Podemos gravar outra vez?” Sabe o que é que eles disseram?

Luz – Está ótimo.

Mário Alberto – Como é que sabe?... e eu perguntei: “Como é que está ótimo se eu troquei tudo?”

Luz – Ninguém repara.

Mário Alberto – E eu perguntei “Oh António...” – António é o realizador – “Oh António, mas como é que ninguém repara se eu só fiz asneiras? Qualquer pessoa que veja isto vai reparar!”

Luz – Ninguém está realmente a ver.

Mário Alberto – Oh António, mas se ninguém vê para que é que nós perdemos tempo a gravar isto?

Luz – Temos um patrocinador.

Mário Alberto – Mas Oh António, se é só para o patrocinador porque é que é transmitido para o público todo?

Luz – Porque as pessoas precisam de olhar para a televisão.

Mário Alberto vê que está atrasado e sai para a gare. Bia termina o seu lanche e regressa ao balcão. Luz interpela-a.

Luz - As pessoas costumam vir reclamar os objectos que perderam?

Bia – Porquê, perdeu alguma coisa?

Luz – Estou a tentar não perder uma aposta. Uma aposta que fiz com o meu chefe. Costumam?

Bia – Sim, sim, claro, muitas.

Luz – Muitas, quantas? Mais de metade... menos de metade... 50/50?

Bia – Hum... assim ao certo não lhe posso dizer... quer dizer das coisas mesmo importantes é mais de metade de certeza.

Luz – Portanto, no total é menos de metade...

Bia - ...

Luz – Perdi.

Luz dirige-se para a saída. Pára. Regressa..

Luz – E depois o que é que acontece às coisas que não são reclamadas?

Bia - O regulamento diz que passado um mês o proprietário deixa de ser o proprietário. Qualquer pessoa pode ficar com elas. Eu não consigo deitar nada fora.

Luz - Você costuma ficar com alguma coisa?

Bia parece ofendida.

Luz – Fica?

Bia – Não.

Luz – Nunca?

Bia – Nada...

Luz parece desconfiada.

Bia - ... não, eu não, não sou capaz, não era capaz. Eu deixo-as ficar aqui mais tempo... muito tempo... Isto é que eu não sou capaz de perceber... como é que alguém perde coisas tão importantes e depois-

Luz - Se calhar a maior parte é lixo.

Bia – O que é lixo para uma pessoa pode não ser para outra. Por exemplo uma prata de chocolate... um par de namorados partilha um chocolate. Juram amor eterno e dividem a prata do chocolate como prova desse amor. Dali a trinta anos podem encontrar-se e cada um ainda tem a prata do chocolate. Se um deles perde a sua metade... Perde o amor. E eu posso tê-lo aqui. É só vir reclamar...

Luz - É estúpido.

Bia - Não é estúpido! Não imagina a quantidade de coisas que aqui vêm parar... Cartas-

Luz - Guarda cartas? (*Bia acena afirmativamente*) Lê-as?

Bia - Não, credo! Pode ser uma coisa íntima... uma carta de amor... as pessoas raramente vêm levantar as cartas. Devem ter vergonha que alguém as leia. Imagine que eu lia uma carta... “Querida bichaninha...”

Luz – Mas e se for importante?

Bia – Às vezes pode ser... E se for a combinar um encontro? “Espero-te junto ao muro no parque”

Luz - “No sítio onde nos conhecemos.”

Bia - “Se quiseres casar comigo tens de aparecer”

Luz - “Se não apareceres embarco para África e nunca mais te vejo”

Bia - “Mas se apareceres começaremos uma nova vida juntos”

Luz - Isso já aconteceu?

Bia - Não.

Luz - E comida?

Bia - Sim, mas isso não guardo durante muito-

Luz - Plantas?

Bia – Sim-

Luz - Rega-as?

Bia - Sim, não deixo morrer nada que me-

Luz - Animais?

Bia - Um peixinho morto, há bocado, coita-

Luz - Isso não é lixo? Um peixe podre?

Bia - Não é podre é morto e até-

Luz - Que mais é abandonado?

Bia - Ninguém abandona nada. Costuma interromper as pessoas?

Luz – Sim. É um hábito nojento... é como a pastilha (*aponta para a sua boca*). E jornais?

Bia – Tenho ali um montão deles...

Luz – Não faz muito sentido, pois não? Não há coisa mais inútil do que as notícias de um dia.

Bia – Está a querer dizer que eu não estou aqui a fazer nada?

Luz – E então... Sabe o que é que eu faço o dia todo? Fico assim... parada. Não faço nada. Fico a pensar, mais nada. Só a pensar. Quando chego a alguma conclusão, escrevo.

Bia – Eu também penso muito... somos parecidas, pensamos depressa.

Luz - Eu sou um bocado lenta... demoro muito tempo... Passo o tempo a pensar em coisas banais.

Bia - As coisas banais são as mais importantes.

Luz – São sem dúvida as mais frequentes.

Luz sai para a rua. Mário Alberto entra vindo da gare e vê a sua imagem no ecrã apresentando o boletim meteorológico. Sai para a rua. Entra um segurança.

Bia – “ Perdidos e Achados”... Já pensaste? E se não forem perdidos, se forem só achados? Como é que as senhoras da limpeza distinguem entre coisas perdidas e coisas abandonadas? E tu? Como é que sabes que os teus achados são mesmo perdidos?

O segurança sai. Entra Luís Neves vindo da rua e consulta os horários. Entra Mário Alberto vindo da rua e consulta os horários. Mário Alberto sai para a gare e Luís Neves sai para a cafetaria. Entra um segurança.

Bia - Como é que tu sabes que os teus achados são mesmo perdidos? Como é que decides que uma coisa tem de vir para aqui? Já pensaste... Se calhar ninguém quer saber dela, foi abandonada. Se calhar para o dono já era lixo. Se calhar é por isso que às vezes penso que algumas destas coisas olham para mim com uma certa... com uma espécie de tristeza porque não pertencem a ninguém, porque ninguém se lembra que as perdeu.

O segurança sai. Entra Sara vinda da rua. Inspecciona a gare e senta-se na esplanada, colocando os auscultadores. Luís Neves entra vindo da cafetaria com uma água e senta-se na esplanada. Mário Alberto entra vindo da gare e vê a sua imagem no ecrã apresentando o boletim meteorológico. Sai para a rua. Entra Luz vinda da cafetaria com

jornais e café e consulta os horários. Entra Mário Alberto vindo da rua e consulta os horários.

Subitamente as luzes do interface parecem falhar. O écran de vídeo sofre interferências. Todos olham para cima. Sara vê Luís Neves pela primeira vez. Saem todos para a rua excepto Bia. Sara segue Luís Neves.

PARTE III

Mário Alberto entra vindo da rua e tenta consultar os horários. O ecrã não está a funcionar. Dirige-se para a gare. Bia interpela-o.

Bia (*rápida*) – “O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem. O tempo respondeu ao tempo: Tenho tanto tempo quanto tempo o tempo tem.”

Mário Alberto (*reparando nela*) – Desculpe?

Bia (*mais devagar*) - “O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem. O tempo respondeu ao tempo: Tenho tanto tempo quanto tempo o tempo tem.”

Mário Alberto - Ah...

Bia (*rindo*) – Eu tenho muito tempo para treinar estas coisas... (*olha para ele um pouco ansiosa*) Já sabem? Aquilo que aconteceu no outro dia... teve a ver com o tempo, não teve?

Mário Alberto (*percebendo*) – A aurora?

Bia – Aurora?

Mário Alberto (*aproxima-se dela*) – A aurora boreal. São partículas libertadas pelo Sol. Estas coisas acontecem.

Bia – Acontecem?

Mário Alberto – Claro. É um sinal de que tudo funciona, de que os ciclos se cumprem, que vivemos num organismo vivo, complexo e harmonioso. A vida é organizada por ciclos e às vezes estes ciclos são interrompidos. Nós estamos a viver um desses momentos de excepção. É muito comum.

Bia – E é grave?

Mário Alberto – A excepção? Não. Uma aurora boreal é um acontecimento espantoso. Mas não no sentido das alterações que possa provocar, de gerar vida ou coisa do género. Nada disso... uma aurora boreal, na realidade, é praticamente inócua... umas interferências electromagnéticas mas nada mais. O que a torna um acontecimento espantoso é a sua singularidade. Primeiro, porque não é muito vulgar nestas latitudes; segundo, pelos efeitos luminosos e terceiro, porque é uma espécie de diálogo mais próximo com o Sol. É como se o Sol raspasse pela Terra...

Bia - O senhor é fascinante.

Mário Alberto tenta afastar-se.

Bia –Eu não gosto dessas coisas. Fazem-me impressão essas coisas grandes demais, que nós não conseguimos controlar. O tamanho do Universo, por exemplo, eu nunca penso nisso. Recuso-me a pensar nisso!

Mário Alberto – Se pensar bem as coisas mais pequenas é que são assustadoras. Mais incontroláveis. As coisas grandes quase não mudam, repetem-se em ciclos, podemos sempre contar com elas. São as coisas pequenas que nos fazem falhar. Estamos sempre a falhar porque vivemos obcecados com o dia-a-dia, o hora-a-hora. Por exemplo, eu sei que o Verão é sempre mais quente que o Inverno, mas não sei se amanhã vai chover.

Bia - Não sabe? O senhor não apresenta o tempo?

Mário Alberto – “O Tempo” já não tem importância nenhuma. “O Tempo” tem cada vez menos tempo, ainda não tinha dado por isso? Eu agora já nem recebo dados para tratar. Desde que deixou de chover já só me dão o texto para dizer.

Bia (*espantada*) – O senhor já não faz nada?

Mário Alberto – Faço. Faço exactamente aquilo que eles me dizem.

Bia – O senhor já não controla nada?

Mário Alberto – Nada.

Mário Alberto consulta os horários, que entretanto voltaram a estar disponíveis. Percebe que perdeu o seu transporte e senta-se na esplanada a ler o livro. Entra Luís Neves vindo da rua. Sara entra atrás dele e observa-o. Entra Luz vinda da cafetaria. Cruza-se com Sara dando-lhe um encontrão. Sara deixa cair ao chão um livro de aprendizagem de português e uma foto de família. Olham-se demoradamente. Luís Neves aproxima-se lentamente de Bia.

Luís Neves – Boa tarde.

Bia – Boa tarde. Boa noite. Ainda não é. Bom fim de tarde. Não se utiliza...

Silêncio.

Luís Neves – Está um tempo estranho, não está?

Bia – Está abafado. O tempo. Esquisito. Parece um capacete. Envolve as pessoas.

Silêncio.

Bia – Perdeu alguma coisa?

Luís Neves – Perdi. Perdi a mulher que sempre amei...

Bia – Oh...

Luís Neves – Estou condenado a ficar sozinho, essa é que é essa!

Bia - ...

Luís Neves – Quinze anos! Tínhamos quinze anos quando nos conhecemos. Eu fui o seu primeiro namorado.

Bia – Parabéns... Quero dizer, lamento!

Luís Neves – A Amélia morreu. A Amélia morreu. Dizem que o primeiro amor também é o último... Caraças!

Bia – Como-

Luís Neves – Era uma pessoa tão viva! Tinha muita energia! Eu era mais parado. Acho que foi por isso que nos separámos. Eu tinha sempre de andar a correr atrás dela... Um dia acabou tudo, e eu não voltei a vê-la. Mas nunca mais gostei de outra mulher como gostava dela.

Bia – Uma linda história de amor...

Luís Neves – Não é história, foi verdade!

Bia – Como é que ela-

Luís Neves – Vinte anos. Há vinte anos que ela fazia este percurso. Um dia caiu aqui e nunca mais se levantou.

Bia (*começando a perceber*) – Aqui?

Luís Neves (*apontando a gare*) – Aqui...

Bia (*apontando o sítio onde o cadáver foi encontrado*) – Aqui!

Luís Neves – Sim, aqui. (*Suspira*) Quinze anos. Quinze anos sem a ver e de repente descobri-la deste modo.

Bia – Não, fui eu!

Luís Neves – Como?

Bia – Fui eu que a descobri. Fui EU que a descobri. Fui eu! (*aponta*) Ela caiu aqui! Eu trabalho ali e ela caiu aqui!

Luís Neves – Oh... os meus sentimentos.

Bia – Não, os meus sentimentos! Eu estava sozinha...

Luís Neves – Como é que...

Bia – Foi na mudança dos turnos. Fico tantas vezes sozinha nas mudanças dos turnos! Se eu somasse todos os bocadinhos de tempo em que estou sozinha dava um tempo

incrível de tempo que estou sozinha. Estou muito tempo sozinha! Eu gritei para o segurança: “Não te vás embora! Anda cá! Estás a ouvir? Não te vás embora!”... mas ele saiu à mesma! Não se via ninguém. Fiquei ali sozinha, com ela... Chamei o 112. Do telemóvel dela. Foi mau. Mas estava mesmo ali ao lado, foi uma fracção de segundos, uma pessoa nem pensa! Queria ajudá-la. Podia estar viva. Também não queria ficar sozinha com um cadáver... quero dizer, eu não tenho obrigação de tomar conta de uma pessoa morta... mas queria ajudá-la. Levantei-lhe as pernas, só pensava que levantar as pernas faz bem à circulação... Depois disseram-me que eu não lhe devia ter tocado, mas eu sabia lá! Foi o primeiro cadáver que encontrei! Também não andam por aí a cair cadáveres a torto e a direito... Houve uma altura que ela mexeu. Estremeceu. Indelicados. Disseram que eram gases. O doutor e o outro. Nunca cheguei a saber nada dela. Ninguém me disse nada. Também, porque é que haviam de cá vir? Isto é só o balcão dos Perdidos e Achados... Tinha piada, não tinha?...*(começa a rir)* virem reclamar um cadáver no balcão dos “Perdidos e Achados” *(ri ainda mais e chora ao mesmo tempo)*.

Luís Neves *(embaraçado)* – Acontece...

Bia *(assustada)* – Acontece?

Luís Neves – Você... está sempre aqui?

Bia – Sou a responsável...

Luís Neves – Eu também sou... responsável... Já alguma vez perdeu um avião?

Bia - Não.

Luís Neves – Eu já perdi dois. E no mesmo dia. Dois aviões! Incrível, não é?

Bia *(rindo)* – Que engraçado, eu nunca andei de avião e o senhor perdeu dois no mesmo dia!

Riem os dois.

Bia – Temos que rir, não é? Temos que rir...

Param de rir.

Luís Neves – Os meus pêames.

Bia – Não, os meus pêames.

Luís Neves – Não, os meus pêames.

Bia – Eu nem sequer a conhecia!

Luís Neves – Como é que ela caiu?

Bia – Caiu morta!

Luís Neves – Mas sofreu?

Bia – Não sei... eu sofri muito. Muito, muito! Desculpe, eu sei que estou a ser egoísta!

Luís Neves – Não, eu é que estou a ser egoísta. Era bonita?

Bia (*pensa*) – Tinha um casaco preto lindo. Comprido...

Luís Neves – Desperdício de casaco...

Bia – Acho que tinha mais ou menos a minha idade.

Luís Neves – Viu-a a morrer?

Bia (*pensa*) – Não sei. (*espantada*) Por acaso não sei. Se calhar vi. Não sei, isso não sei.

Por acaso não sei. (*olha para ele*) É estranho, não é?

Luís Neves começa a afastar-se na direcção da esplanada.

Bia – Podia chover, não era?

Luís Neves (*sem se voltar*) – Oh, se podia!

Bia – Devia vir uma chuva que...

Luís Neves – Uma tempestade.

Bia - ...que lavasse tudo.

Luís Neves – Encharcasse tudo.

Luís Neves senta-se na esplanada. Luz apanha o livro e a foto.

Luz – Desculpe... Aqui tem...

Sara - ...

Luz – É seu? (*reparando no livro*) Está a aprender português?

Sara - ...

Luz (*vê a foto*) – Que linda família? Veio esperá-los?

Sara - ...

Luz – Vai ter com eles?

Sara - ...

Luz – Eles vêm ter consigo?

Sara pega no livro e na foto.

Luz – As separações são dolorosas, não é?

Sara começa a afastar-se.

Luz – Mas depois temos sempre o reencontro... Quer uma pastilha?

Sara afasta-se de Luz. Luz vê Luís Neves.

Luz – O inquérito acabou.

Luís Neves (*levantando-se*)– Acabou?

Luz - Ainda não é público, mas já lhe posso adiantar que a sua inocência foi provada.

Luís Neves (*desolado*) – Eu sabia, eu sabia...Como é que chegaram a essa conclusão?

Luz – Era a esperada.

Luís Neves – Mas é um absurdo. Eu estou inocente? Eu não tenho culpa? Eu estou inocente de culpa. Vocês é que disseram! Não fui eu. Foram vocês. Depois não me venham pedir contas! Eu perdi dois aviões mas não tenho culpa. Vocês é que disseram. Não foi culpa minha.

Luz – Quer contestar o inquérito?

Luís Neves – Eu?! Está maluca?! Estou só um pouco surpreendido. Quero dizer, eu estava à espera de não ser culpado. Mas não só não sou culpado como também estou inocente!

Luz – Dentro em breve pode certamente retomar as suas funções.

Luís Neves – Dentro em breve...

Luz – Não será com certeza de um dia para o outro, mas também não deve demorar-

Luís Neves – Eu espero. Eu tenho tempo. Tenho todo o tempo do mundo, eu estou inocente. Estou “isento de culpa”. E estou completamente cheio de inocência!

Luz – Bem, como sabe-

Luís Neves – “A culpa não é minha”. “A culpa não é sua”. “A culpa não é nossa”. É deles... (*gesto vago*) Se calhar não há culpados. Só há inocentes. Nós os dois somos inocentes. Os outros 97 eram inocentes, anjos, somos todos anjinhos-

Luz – Deixa-me falar?

Luís Neves – Peço desculpa... estou desculpado? (*para si mesmo*) Não tenho culpa, estou desculpado!

Luz – O facto de você ter sido ilibado não significa que não sejam apuradas as devidas responsabilidades no desastre.

Luís Neves – Claro...

Luz – Há sempre um culpado.

Luís Neves – Mas não sou eu...

Luz – Só que isso já não me diz respeito. O meu trabalho terminou. Vou-me hoje embora. *(estende-lhe a mão)* Foi um prazer conhecê-lo.

Luís Neves *(aperta-lhe a mão de modo apático)* – Foi um prazer!

Luz – Se precisar de alguma coisa...

Luís Neves – Não preciso de nada, eu não tenho culpa!

Luz afasta-se.

Luís Neves *(alto)* – Vocês confiam em mim? *(Pausa)* E se eu perder outro avião? *(Pausa)*
E se eu não tiver culpa outra vez?

Luz consulta os horários. Luís Neves senta-se. Sara vê Luís Neves. Mário Alberto levanta-se e consulta os horários. Encontra-se com Luz.

Luz – Ainda bem que o encontro. Queria mesmo falar consigo! Se calhar não nos voltamos a ver...

Mário Alberto – Bom dia...

Luz – Esse livro... *(aponta)*

Mário Alberto olha para o livro e depois para ela, sem compreender.

Luz – Tenho pensado nisso. A maneira como você o encontrou. Fiquei a pensar nisso. Perdido ou abandonado? E finalmente encontrei a resposta!

Mário Alberto - Resposta?

Luz – Nem perdido nem abandonado! Foi deixado de propósito!

Mário Alberto – De propósito?

Luz – BOOKCROSSING!

Entra um segurança e despede-se de Bia.

Bia - Já vais? Pois... Olha... *(o segurança sai para a rua)* Até amanhã...

Mário Alberto *(simpático)* – De que é que a minha boa amiga está a falar?

Luz – Vá à Internet e escreva *www ponto bookcrossing ponto come*. *(Pausa)* Come... com! Nós é que dizemos *come*. *(Pausa)* Mas é *com*. *(Pausa)* *www ponto bookcrossing... ãh... ponto com*.

Mário Alberto *(ansioso)* – Eu... não estou a perceber...

Luz – É simples. São pessoas que deixam livros em determinados sítios públicos para outras pessoas pegarem neles, lerem e voltarem a deixá-los noutra sítio público, para outra pessoa pegar neles, etc, etc...

Mário Alberto – Voltar a deixar...?

Luz – Sim. E na Internet dá para ir seguindo o rasto do livro; as pessoas vão marcando os sítios onde eles foram sendo deixados... Há livros que dão a volta ao mundo! *(Vê que ele está cada vez mais nervoso)* Oh homem, não fique mal disposto! É o livro que dá a volta ao mundo, não é você! Aliás, isso é uma das coisas com piada: uma pessoa pode perceber na Internet que o seu livro já deu a volta ao mundo três vezes, quando ela própria se calhar nunca saiu de casa! Engraçado, não é?

Entra um segurança e despede-se de Bia.

Bia - Já vais, não é? Tem de ser... *(o segurança sai para cafetaria.)* Pronto...

Bia começa a ter um ataque de pânico.

Mário Alberto – Está a dizer que este livro... não é... não era...

Luz – Você não o devia ter guardado, ele tem de seguir caminho!

Mário Alberto – Não era para mim?

Luz – Aliás, eles costumam ter um texto, uma espécie de dedicatória na primeira página, qualquer coisa que dê a entender precisamente isso.

Mário Alberto *(lembrando-se)* – “Deixa as palavras seguirem a vida...”

Luz - Esse livro é para ser lido e para ser deixado... para seguir viagem.

Mário Alberto – Este não.

Luz – Esse sim! Eu verifiquei e lá estava o seu livrinho!

Mário Alberto – O livro está lá? Este? Tem a certeza que é este?

Luz – Engraçado, não é? Você passou a fazer parte do fenómeno!

Mário Alberto – Eu faço parte... *(olhando para o livro)* Não é ele que faz parte de mim?

Luz – Quer uma pastilha?

Mário Alberto *(desorientado)* – É de quê?

Luz – Canela.

Mário Alberto – Não... obrigado...

Luz – Hábito nojento! Vá ao site, está lá tudo. Site... sítio!

Mário Alberto – Não vou a lado nenhum. Vou ficar aqui.

Luz – Pense onde é que o quer deixar.

Mário Alberto – Tenho que o deixar ir? Abandono-o? Deixo-o ir? *(Simula atirar o livro para longe)* Assim?

Luz – Não é atirar! Assim ainda o estraga! É só pousá-lo para alguém depois lhe pegar.

Mário Alberto – Não consigo. Não consigo pousá-lo. Tenho que o deixar cair. *(Olha à volta)* E... e se as mulheres da limpeza lhe pegam e julgam que é lixo e o deitam fora? Ou aparece uma criança que pega nele e o estraga?

Luz – Acontece. Há livros que desaparecem, é verdade. Nunca se sabe bem o que vai acontecer, é um risco que se corre.

Mário Alberto folheia o livro tristemente.

Mário Alberto – Eu... eu fiz apontamentos... *(olha para ela)* Estraguei tudo, não foi? Posso sempre tentar apagar...

Luz afasta-se. Mário Alberto fica a contemplar o livro. Luz volta-se novamente para ele.

Luz – Você já teve melhor aspecto...

Luz afasta-se. Bia está a ter um ataque de pânico.

Bia – Está aí alguém? O.K. *(deita-se no chão. Chora)* Ai, ai. *(grita)* Socorro! Ajudem-me! *(mais baixo)* Eu sempre disse que se gritasse ninguém me ouvia.

Entram os dois seguranças ao mesmo tempo. São gémeos.

Bia - Ah! Estavam aí? Ai que bom!

Bia ri e chora ao mesmo tempo. Os seguranças ajudam-na a levantar-se. Bia agarra as mãos dos dois e coloca-as na sua cara.

Bia - Ai que fresquinho! Ai que fresquinho! Fiquei com falta de ar. Pensei que vocês se tinham ido embora. Eu pensava... Vocês estão aqui. Está tudo bem. Está calor hoje, está abafado. Deve ser deste tempo. Eu estou bem. Vocês agora ficam aqui comigo. Eu já estou bem. Senão fico com falta de ar. Eu tenho medo. Pronto, já disse. Eu tenho medo, tenho muito medo. Eu não posso ficar sozinha. *(suspira)* Ai que bom!

Luís Neves levanta-se e dirige-se para a saída. Sara segue-o.

Sara – Tu!

Luís Neves pára. Olha para Sara sem a reconhecer. Sara aponta-lhe uma arma.

Sara *(canta)* – “Nana, nana, meu menino, que a mamã logo vem. Foi lavar os teus paninhos à fontinha de Belém.”

Sara mostra-lhe a fotografia da sua família. Luís Neves finalmente compreende.

Chefe *(off)* - Uma análise breve mas atenta é suficiente para concluir que se morre muito mais do que se mata. Isto, apesar das mortes por imposição de outros serem relativamente regulares. Esta fatia de mortes, que podemos chamar de “não naturais”, é parte esperada no desenvolvimento normal das coisas e até pode ser calculada com testes de hipóteses e outras ferramentas estatísticas; vem incluída no preço...

O que importa notar é o facto de continuar a ser mais pequena que o número de mortes a que chamamos “naturais”. Por mais assassínios que se cometam, por mais guerras e genocídios que se preparem ou por mais acidentes que aconteçam, estas mortes naturais continuam a ser a maioria. Daí, o interesse nas outras. Porque nem um deus todo o poderoso seria suficientemente rico para pagar as indemnizações a tantas almas.

Não se trata de justiça. Trata-se de compensação, da necessidade constante de restabelecer equilíbrios voláteis... Veja o caso do acidente entre os dois aviões: um controlador de tráfego aéreo dá uma indicação errada, dois aviões chocam e morrem 97 criaturas, a maior parte delas crianças. Eis o desequilíbrio!

Uma das mães, agora viúva e órfã dos filhos, decide matar o controlador envolvido e acaba mesmo por executá-lo. Não se trata de justiça; eventualmente de uma tentativa de compensação, de restabelecer uma hipótese de equilíbrio.

Na realidade terá provocado um quase fim de ciclo. Um quase remate para uma ponta pequena de um emaranhado de novelas. Porque, como é óbvio, esta é apenas uma pequena derivação. Porque tudo se dissolve em algo maior e nas sucessivas camadas de horas.

Sabe quem é o actual recordista do salto em altura? E os anteriores? Dou-lhe o exemplo do senhor Dick Fosbury que, nos Jogos Olímpicos do México de 1968, ganhou a medalha de Ouro com estilo inédito que é hoje utilizado pela esmagadora maioria de atletas: o chamado *Fosbury Flop*. Veja-se as coisas à distância, pense-se noutros desportos, noutros feitos, e a provável solidão do senhor Fosbury será tão insuportável como a de qualquer funcionária de um balcão de Perdidos e Achados. Os feitos enormes dependem, como disse, da escala a que são vividos. O diário de um ervanário pode constituir-se como epopeia desde que encontrado nas circunstâncias próprias... ou perdido. E a propósito Luz... a nossa aposta?

Luz (*off*) – Ganhou, chefe.

Chefe (*off*) – Eu sei.

Luz (*off*) – Quer uma pastilha, chefe?

Chefe (*off*) – Pare de mascar pastilhas, Luz. É um hábito nojento!

Luís Neves – Fala muito bem português...

Sara – Fala...

Luís Neves – É difícil, não é?

Sara – É difícil.

Sara dispara. Luís Neves cai morto. Os outros olham. Sara pousa a arma e senta-se na esplanada segurando a fotografia. Mário deixa cair o livro. Bia aperta as mãos dos seguranças. Luz aproxima-se do cadáver.

Luz – Foda-se...

Luz acende um cigarro.

Bia (*para os seguranças*) – Vocês... vocês têm as mãos tão frias!

FIM